

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL
ALINE APARECIDA DE MOLINER

O GÊNERO PAISAGEM NA ARTE E O ENSINO NA CULTURA DIGITAL.

BOCAINA DO SUL, (SC)

2016

ALINE APARECIDA DE MOLINER

O GÊNERO PAISAGEM NA ARTE E O ENSINO NA CULTURA DIGITAL

Monografia submetida ao Programa de Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina/PROINFO para a obtenção do Grau de Especialista.

Orientadora: Adriana Barreto Costa Pereira

BOCAINA DO SUL, (SC)

2016

ALINE APARECIDA DE MOLINER

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Ms. Adriana Barreto (Orientadora);

Prof^ª. Ms. Bruna Mansani (Membro avaliador)

Prof^ª. Ms. Julia Ancona Amaral (Membro avaliador)

RESUMO

Este trabalho de conclusão aborda conceitos e noções em relação à paisagem como gênero na arte no contexto da cultura digital. Busca compreender sua trajetória histórica com o intuito de enriquecer a reflexão acerca do gênero paisagem na arte. Sendo no oriente de tradição milenar, no ocidente torna-se popular apenas no século XIX, para na atualidade tornar-se parte da natureza através da intervenção. O gênero paisagem no ensino de arte é importante porque desperta no estudante a sua ligação com a natureza percebida através dos vários sentidos e olhares.

Palavras- chave: gênero paisagem. representação. arte

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 flor de lótus	15
Imagem 2 afresco	15
Imagem 3 Adão e Eva	17
Imagem 4 Lago no Bosque	17
Imagem 5 A Anunciação	18
Imagem 6 A Batalha de Alexandre, o grande contra O rei persa Darius em Isso	19
Imagem 7 Caçadores na Neve	20
Imagem 8 Carroça de Feno	20
Imagem 9 Impressão, nascer do sol	21
Imagem 10 Théodore Rousseau; Paisagem.....	22
Imagem 11 Paisagem de interior	24
Imagem 12 Spiral Jetty- 1970 de Robert Smithson.....	24
Imagem 12 paisagens exuberantes na área rural do município de Bocaina do Sul.....	31
Imagem 13 paisagens exuberantes na área rural do município de Bocaina do Sul.....	31
Imagem 14 paisagens exuberantes na área rural do município de Bocaina do Sul.....	32
Imagem 15 paisagens exuberantes na área rural do município de Bocaina do Sul.....	32
Imagem 16 paisagens exuberantes na área rural do município de Bocaina do Sul.....	33
Imagem 17 paisagens exuberantes na área rural do município de Bocaina do Sul.....	33
Imagem 18 paisagens exuberantes na área rural do município de Bocaina do Sul.....	34
Imagem 19 Escola Básica Municipal Padre Theodoro Bauschulte	35
Imagem 20 pôr do sol 1	35
Imagem 20 pôr do sol 2	36
Apresentação em Power Point: Memórias da infância	37
Imagem 21 Desenvolvimento do Projeto.....	39
Imagem 22 Desenvolvimento do Projeto.....	40
Imagem 23 Desenvolvimento do Projeto.....	40
Imagem 24 Desenvolvimento do Projeto.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS

a. C. – antes de Cristo

Ms - mestre

p. – página

Prof^a – professora

SC – Santa Catarina

s/d – sem data

s/p – sem página

TDICs – tecnologia digital da informação e comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM.....	10
2.1.2- RELAÇÕES ENTRE PAISAGEM E A ARTE.....	13
2.2- A EVOLUÇÃO DO GÊNERO PAISAGEM NA ARTE.....	14
2.2.1 A PAISAGEM NA ARTE DA IDADE MÉDIA.....	16
2.2.2- A PAISAGEM NO PERÍODO RENASCENTISTA.....	17
2.2.3- A PAISAGEM NO ROMANTISMOE NO IMPRESSIONISMO.....	20
2.2.4 - A PAISAGEM NA ARTE CONTEMPORÂNEA.....	23
2.3-GÊNERO DA PAISAGEM NA ARTE BRASILEIRA.....	25
2.4 - O ENSINO DA ARTE NA CULTURA DIGITAL.....	26
2.4-1.A ABORDAGEM DIDÁTICA PARA A PAISAGEM NO ENSINO BÁSICO...28	
2.4.2- UM NOVO OLHAR PARA A MEMÓRIA DA PAISAGEM.....	30
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

1- INTRODUÇÃO

A paisagem pode ser compreendida como a percepção do que nos cerca, ou seja, tudo o que os nossos sentidos podem compreender dentro do espaço geográfico. Os nossos sentidos tais como visão, olfato, audição, dentre outros, proporcionam sensações que são percebidas graças também ao nosso sistema nervoso. Perceber a paisagem exige um novo olhar para o mundo, um olhar mais crítico e ao mesmo tempo sensível.

A paisagem hoje dividida em natural e cultural de acordo com o conceito geográfico, percebida através dos vários sentidos e olhares é uma paisagem mais humanizada, pois, o homem vem cada vez mais alterando a paisagem natural e acrescentando elementos que a modificam. Assim podemos dizer que a paisagem com que nos deparamos com mais intensidade é a cultural.

A paisagem na arte é um tema de relevância porque o homem sempre sentiu necessidade de representá-la. Além disso, discutir no contexto da educação a paisagem, hoje se torna uma discussão interdisciplinar, ou seja, ultrapassa o patamar de apenas uma disciplina como, por exemplo, a disciplina de artes exigindo uma abordagem geográfica, e até mesmo pensar na globalização e tecnologia, dentre outras.

Em muitos outros campos do conhecimento além da arte o conceito de paisagem é utilizado como, por exemplo, na geografia, filosofia, engenharia, urbanismo, ecologia, sociologia, dentre outros. Ainda hoje o conceito de paisagem é discutido através de várias áreas do conhecimento, ou seja, através de uma série de percepções para defini-la.

O primeiro capítulo irá refletir a questão do conceito e significação de paisagem pelo indivíduo e sua relação com a mesma, bem como a relação entre essa paisagem ressignificada e a arte.

Já o segundo capítulo irá abordar a evolução do Gênero Paisagem na Arte ao longo do tempo, desde os tempos mais antigos, na Idade Media, onde era vista como segundo plano nas representações, devido à valorização dos conceitos religiosos e sua relação com o homem e principalmente no período renascentista e na modernidade que é onde tem sua maior expressividade, e por fim na arte contemporânea onde a relação com os gêneros artísticos tradicionais, como o gênero paisagem perdem a sua ênfase na discussão artística, mas, por outro lado onde a paisagem começa a ganhar expressividade, quando reflete sobre a relação homem e natureza na atualidade, a

necessidade de uma nova abordagem na arte assim como outro olhar para a mesma que expresse os anseios dessa relação complexa.

Finalmente é no terceiro capítulo que será abordado o ensino de arte na cultura digital, que faz uma breve reflexão do contexto atual do ensino na era digital; bem como algumas considerações sobre a abordagem didática para a paisagem no ensino básico, no subtítulo “Um novo olhar para a memória da paisagem” a abordagem se volta para a experiência na sala de aula.

2-REFERENCIAL TEÓRICO

2.1-REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM.

A sobrevivência dos seres humanos depende de sua relação com o meio, e a noção de paisagem desde o início acompanha a existência humana, mas o conceito de paisagem foi se constituindo ao longo do tempo sendo a partir das representações criadas por pintores e artistas e mesmo poetas que começou a se manifestar mais claramente.

Baseada na observação do meio antes mesmo da elaboração do conceito, a noção de paisagem na memória do ser humano já existia. Expressada nas artes e ciências de diversas culturas retratava animais selvagens, um rio ou um conjunto de montanhas, dentre outros. Podemos encontrar, por exemplo, nas pinturas rupestres na França e Espanha uma referência a respeito de paisagem.

Mais tarde o conceito construído historicamente teve sua compreensão influenciada, dentre outros aspectos, pela filosofia, estética, política, religião e a ciência.

Foi a partir do geógrafo e naturalista alemão Humboldt, que a paisagem começa a ser compreendida como interações entre os elementos naturais e humanos. Maximiano aborda essa questão:

No Ocidente, a partir de Humboldt, iniciam estudos mais sistemáticos que levariam à compreensão de paisagem como resultante de um complexo de interações entre elementos naturais e humanos. Contudo, ainda haveria discussões sobre o conceito e o método de abordagem da paisagem, passando por ênfases nos aspectos geomorfológicos, biológico ou ocupação humana de um espaço. (MAXIMIANO, p.83,2004).

Mas o mesmo autor relata que para o geógrafo francês Bertrand o conceito de paisagem vai além de junção de elementos:

Em meio a tendências à especialização da década de 60, Bertrand, geógrafo francês, descartou que paisagem fosse uma simples junção de elementos geográficos; antes definiu-a como “combinação dinâmica, instável, dos elementos físicos,

biológicos e antrópicos. ” (MAXIMIANO, p.83,2004).

O conceito paisagem tem uma forte relação com o lugar e com a ciência geográfica para depois ser reinterpretado por outras correntes. Moraes discute essa questão quando afirma que o conceito de paisagem depois da ideia posta pela geografia é ressignificada por novas interpretações de mundo:

A paisagem antes de ser um gênero de pintura está relacionada a uma experiência territorial e geográfica, definida como lugar, num sentido pragmático e instrumental. A ampliação do sentido de paisagem forma-se com a ideia de territorialidade, posta pela geografia, mas ressignificada pelas novas interpretações de mundo. As mudanças da forma e condição de interpretação do mundo mudaram seu próprio sentido de representação. É no modo de ver e de se ver no mundo que a visão da paisagem encontra o meio e a riqueza da atividade contemplativa e a base de um novo tipo de experiência, um novo sentido de mundo para o sujeito que o contempla. (MORAES, p.19, 2014).

O senso comum também tem uma explicação do que seja paisagem. E é Kiotani que explica que diferentemente da ciência para o senso comum a paisagem torna-se simplesmente feia ou bonita:

A partir da exposição da paisagem pelos artistas começa-se a construir uma definição para o termo sob o senso comum. Ora, o que se vê de belo, do natural, é paisagem; é aquele lugar, aquela visão, que o observador pode avaliar como harmônico e esteticamente bonito. Diferente da ciência, a percepção da paisagem no senso comum não avalia elementos ou graus qualitativos, a paisagem torna-se simplesmente feia ou bonita. (KIOTANI, p.3º, 2014).

“A paisagem surge então como desenho, gravura, pintura e, ao longo do tempo, ampliando sua possibilidade de expressão e de objeto, migra para a filosofia, história e outras disciplinas.” (NEVES, p.7,2008). Ou ainda podemos dizer que “a paisagem não é um território, uma localidade, um sítio. Ela é uma representação empírica e subjetiva.” (NEVES, p 14, 2008).

Portanto, a “invenção da paisagem não é um fato recente. Ela se confunde com o próprio surgimento da arte como a entendemos hoje. A paisagem carrega uma história, uma ideologia.” (NEVES, p.9, 2008).

Ou ainda de acordo com Kiotani paisagem tem a ver com os sentimentos:

Paisagem tem a ver com sentimento, com a visão interior que cada ser tem de si mesmo, ou do lugar que vive, ou dos sonhos que possui; ela não é absoluta como uma soma matemática, senão uma soma de sentimentos enraizados nos que a reproduz e nos que a observa. Em outros domínios das artes como a música ou a literatura a paisagem foi também forma de afirmação identitária, onde cada ser pode agarra-se as suas origens, lembrando-a, sentindo-a, seja lendo, compondo, ouvindo. (KIYOTANI, p.29, 2014).

Na Geografia ocidental contemporânea paisagem é compreendida como produto visual de interações que, por ocupar um espaço, pode ser classificada de acordo com um método ou elemento que a compõe, mas, não é o mesmo que espaço, porém, faz parte dele, ou seja, é uma medida multidimensional de análise espacial.

“O entendimento e a utilização do conceito de paisagem sofreu e ainda sofre transformações na sua concepção à medida em que se modifica a compreensão da natureza, o mesmo ocorre com as pinturas de paisagem.” (FERRAZ, s/d, s/p). Mas, é importante destacar que “a pintura de paisagem gerará três subgêneros: a marinha, a paisagem arcádica e a urbana.” (NEVES, p.50, 2008).

Enfim, podemos dizer que a “paisagem não é, está.” (OLIVEIRA, p.1, s/d.). Ou ainda “as representações das paisagens se fazem por elas mesmas. As paisagens são imagens de si mesmas.” (OLIVEIRA, p.4, s/d.).

2.1.2- RELAÇÕES ENTRE PAISAGEM E A ARTE

Até o século XIX a paisagem na arte estava em segundo plano visto que, as protagonistas eram as pinturas mitológicas, retratos, ou cenas religiosas e somente a partir desse momento ela passa a ser considerada gênero. Mendes faz uma análise da representação da paisagem na arte oriental e ocidental e, além disso, argumenta que a paisagem desvalorizada na Idade Média começa a ganhar destaque no Renascimento, mas é no século XIX que a mesma torna-se um dos mais populares gêneros da pintura:

A representação da paisagem na arte oriental é de tradição milenar. No ocidente, porém, a sua história é menos regular e teve sua origem na decoração parietal de antigos edifícios romanos. Desvalorizada durante toda a Idade Média, é com o Renascimento, através dos quadros religiosos que começaram a ter fundos realistas ao invés dos fundos planos e dourados, que a paisagem começou a ganhar destaque ao ponto de desenvolver-se como gênero autônomo já a partir do século XVI em diante. No século XIX a paisagem foi um dos mais populares gêneros na pintura. (MENDES, p.114,2013).

O entendimento da paisagem como gênero da pintura é discutido pelo autor em “Arte da Paisagem e viagem pitoresca” dividido em três classes diferentes:

Na Encyclopédie méthodique – Beaux-arts há um verbete, escrito por Claude-Henri Watelet, que apresenta um conjunto de proposições bastante ilustrativas do entendimento sobre a paisagem como gênero pictórico. Derivada de pays, a paisagem como representação divide-se em três classes distintas: as vistas, as paisagens mistas e as representações ideais da natureza campestre. Entre essas classes há um gradiente que articula, em um

extremo, a representação fiel da natureza e, noutro, a representação idealizada. (JÚNIOR, p.108, 2012).

De acordo com Bartalini, constituindo-se um gênero de pintura passa a ser representada na arte, preparando o olhar, estabelecendo valores e julgamento estéticos sobre a paisagem, refletindo nos jardins a partir do século XVII:

Os jardins, a partir do século 18, refletem esse movimento, primeiramente na tentativa de materializar as sugestões paisagísticas contidas nas poesias; em seguida na reprodução, em três dimensões, de cenas pintadas sobre uma tela. Ato contínuo, os pintores voltam seu interesse para os jardins e representam-nos em seus quadros. Arte e paisagem não cessaram, desde então, de retroalimentar-se. (BARTALINE, p.112-113, 2010).

Atualmente as relações entre natureza e paisagem na arte tornaram-se mais complexas, passando a apresentar a natureza ao invés de representá-la. Sendo assim, a paisagem se reinventou na arte contemporânea, formando um elo entre a natureza, o meio cultural e a estética ligando a noção de território, natureza e arte.

2.2- A EVOLUÇÃO DO GÊNERO PAISAGEM NA ARTE

As primeiras manifestações do homem sobre o conceito de natureza e paisagem já se manifestaram nas pinturas rupestres. Os nossos ancestrais retiravam da natureza o que lhes era necessário para as suas necessidades. Sendo a natureza vista como objeto de medo e contemplação pouco conhecido pelo homem.

Já “Na Antiguidade Clássica, a pintura de paisagem era inexistente ou tinha um papel secundário” (MORAES, p.24, 2014). Na antiguidade superior a paisagem ocupava um lugar de pouca expressividade sendo superior somente à natureza morta dentro da hierarquia de gêneros. No Egito Antigo, durante o Império Antigo representações da paisagem eram gravadas em alto relevo e no Império Novo, pintadas

a fresco onde se apresentam algumas representações paisagísticas nas tumbas dos nobres:



Fonte: www.florespresentesonline.com.br/media/arranjos-flores/egito-gravuras_relevo.jpg

A decoração em alto relevo inspirada na paisagem egípcia como os papiros, flor de lótus e palmeiras, dentre outras. Nesse alto relevo é representada a flor de lótus.

Em afresco durante o Império Novo também eram representadas cenas que compunham a paisagem local como esta, que representa cenas de caça em moitas de papiro.



Fonte: <http://1.bp.blogspot.com/>

Afrescos romanos de quartos decorados com paisagens do século I a. C., também são preservados em Pompeia e Herculano. Na antiguidade Greco-romana a pintura da paisagem também é representada como fundo ou entorno de uma cena principal.

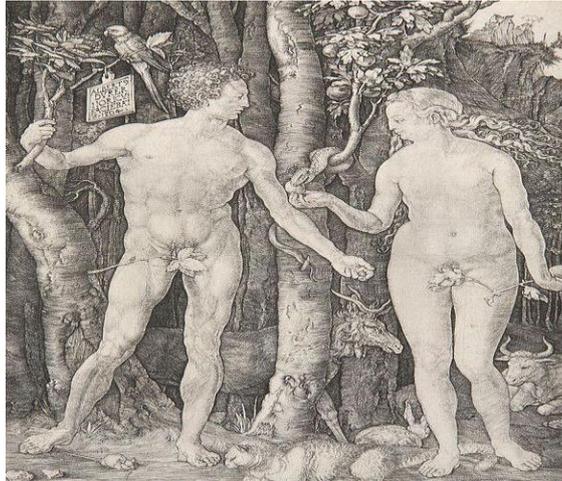
2.2.1 A PAISAGEM NA ARTE DA IDADE MÉDIA

Na Idade Média o pensamento ainda era influenciado pelo pensamento neoplatônico de Plotino que se dizia apenas expositor das doutrinas de Platão, sendo assim, a natureza não poderia ser representada na arte, pois, de acordo com esse pensamento a beleza maior depende de sua correspondência com a beleza absoluta que permanece no mundo das ideias e é imutável, já o mundo natural é o mundo da imperfeição e da decadência. “O objeto se constitui numa cópia imperfeita de uma ideia que não está, na verdade, na cabeça dos homens, mas na Beleza Absoluta.” (NEVES, p.14, 2008).

Sendo assim, no momento em que alguns artistas começaram a trabalhar a natureza como tema, o pensamento do neoplatonismo e estoicismo já não influenciavam grandemente o ocidente. Aristóteles iniciava a sua influencia trazendo uma nova maneira de olhar a natureza.

Além disso, esse período da história sofreu uma grande influencia religiosa da igreja católica refletindo diretamente na arte, que retratava o sagrado com o intuito de ensinar as pessoas, visto que a maior parte da população era iletrada. As imagens artísticas desse longo período são, portanto imagens criadas em função da representação e propagação de ideias ‘elevadas’ e não havia uma preocupação com uma representação naturalista do mundo.

O artista alemão Albrecht Dürer (1471-1528) que nasceu no final da Idade Media, foi o primeiro artista a preocupar-se com o real, ou seja, com o homem e a natureza. Embora, muito religioso gostava de perceber a aparência das coisas através dos sentidos. Considerado o responsável por trazer o renascimento para a Alemanha. Dürer produziu a obra, “Adão e Eva (1504)” carregada de simbologia na qual ele apresenta Adão e Eva tendo como fundo a natureza.



Fonte: Figura 1. Albrecht Dürer. Adão e Eva. 1504. Gravura a buril. 25,1 x 20 cm. Metropolitan Museum of Art.

Com a crise que marca o fim da Idade média e o início da moderna surge o primeiro termo para designar paisagem a *landschaft* palavra alemã que significa um território de dimensões médias. Mas, “entra na língua inglesa apenas no século XVI, vinda da Holanda.” (MORAES, p.24, 2014).

2.2.2- A PAISAGEM NO PERÍODO RENASCENTISTA

Até o século XVI, a paisagem ainda fazia parte apenas do fundo de um quadro, o homem ainda era o tema central das obras tendo a natureza um papel secundário.

O Gênero Paisagem representando um lugar, urbano ou rural ganhou ênfase durante o Renascimento e é nesse período que Dürer se destaca com suas pinturas com a ênfase nas paisagens.

Lago no bosque



Fonte: <http://warburg.chaa-unicamp.com.br/artistas/view/157>

O conceito paisagem como gênero artístico firmou-se no renascimento na idade moderna. Neves nos diz que a ilusão realista de um espaço com três dimensões desenvolvida nesse período foi fundamental para a arte da paisagem:

O termo paisagem surgiu no Renascimento para nomear uma nova relação entre os seres humanos e seu ambiente que surgiu ao fim da Idade Média. A pintura estava sendo revolucionada com a adoção pelos artistas dos princípios matemáticos e geométricos euclidianos. Estas regras haviam levado à perspectiva linear, que foi uma revolução na arte da representação. Com ela tornou-se possível a representação, em duas dimensões, da ilusão realista de um espaço composto de três dimensões. Isto foi fundamental para o desenvolvimento da arte da paisagem. (NEVES, p. 15, 2008).

Uma das obras mais conhecidas de Leonardo da Vinci “A anunciação” que retrata cenas da bíblia é uma obra renascentista, mas, as asas do anjo são naturalistas. A obra usa a aplicação das leis da perspectiva linear e da perspectiva aérea, do sfumato em relação à pintura da paisagem. A paisagem, as flores e todos os elementos evidenciam um conhecimento de botânica e uma precisão naturalista:

A Anunciação- Leonardo da Vinci- 1472-1475



Fonte: <http://artefontedeconhecimento.blogspot.com.br/2013/07/a-anunciacao-ou-lannunziacione-em.html>

No ocidente, os primeiros registros da paisagem como aspecto visual datam do século XV, por pintores italianos e holandeses. Mas foi por conta das Grandes

Navegações e dos registros sobre a percepção do espaço que se ampliou a visão de mundo dos indivíduos.

Com o desenvolvimento do comércio também passaram a investir financeiramente na produção artística e as novas ideias que estavam circulando caracterizaram o renascimento. A igreja católica deixa de ter seu forte domínio e a cultura Greco-romana passa a ser valorizada.

A obra de arte que colocou o renascentista alemão Albrecht Altdorfer como um dos pioneiros da pintura de paisagem é a pintura que retrata a “Batalha de Isso”, onde Alexandre, o Grande saiu vitorioso. A noção de um indissolúvel laço entre a natureza e os acontecimentos que nela se passam é uma das características de Altdorfer que nessa representação demonstra uma forte conexão com o divino:

A Batalha de Alexandre, o grande contra O rei persa Darius em Isso (1529).



Fonte: www.pt.wikipedia.org/wiki/

Destacam-se também nesse momento Pieter Bruegel, o velho e Giovanni Antonio. Bruegel pintou em óleo sobre madeira “Caçadores na Neve (1565)” também conhecida como “Retorno dos Caçadores”, tendo representado o cotidiano juntamente com a relação com a natureza.

Caçadores na Neve (1565)



Fonte: www.pt.wikipedia.org/

2.2.3- A PAISAGEM NO ROMANTISMO E NO IMPRESSIONISMO

A paisagem passa a ser tema central no romantismo e é “durante o romantismo que o artista representa campos, montanhas, rios, céu”. (WANNER, p. 69,2010) Os artistas românticos procuraram se libertar das convenções acadêmicas em favor da livre expressão artística.

Jonh Constable retrata a natureza ligada aos lugares onde o artista nasceu alguns elementos faziam parte de sua vida cotidiana. A tela “A Carroça de Feno” o artista representa vivacidade, luminosidade, e serenidade a paisagem. Para Constable o elemento fundamental para a pintura paisagística era a luz:

Carroça de Feno (1821), John Constable.



Fonte: <http://encontroscomarte.blogspot.com.br/2013/09/jonh-constable.html>

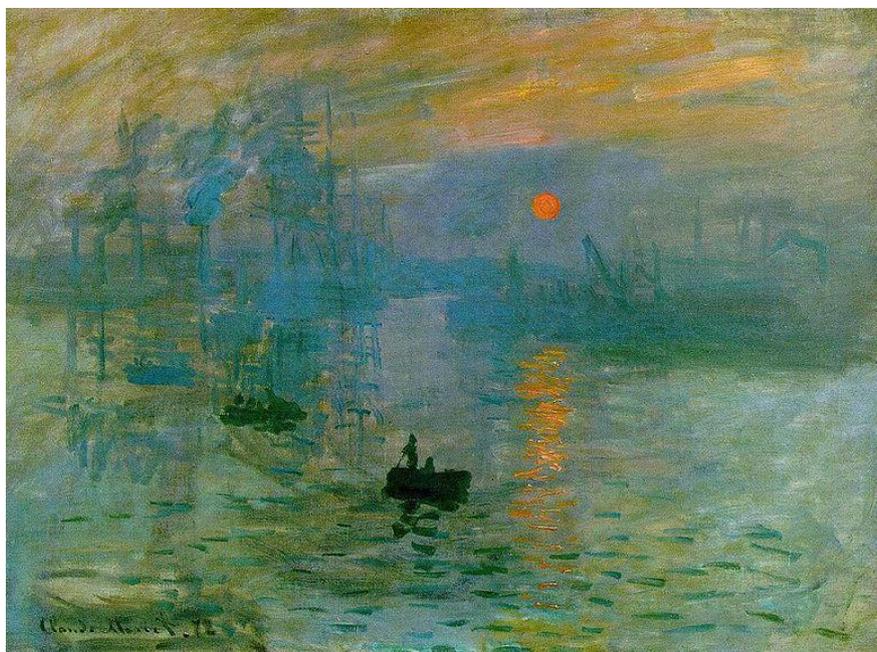
No impressionismo se dava grande valor para a pintura ao ar livre, os grandes pintores impressionistas valorizavam a rapidez nas pinceladas antes que as condições de luz mudassem. Esses artistas formavam uma associação aberta de pintores com o propósito de expor.

Nesse período “a paisagem firma-se como a grande temática e fonte de inspiração dos artistas do estilo”(BOTENE, p.29-30, 2009). Isso porque além de pintarem ao ar livre buscavam o efeito da luz em suas representações.

A pintura impressionista possuía despreocupação na execução da mesma, na qual, a cor (tinta) era misturada diretamente na tela e aplicada com pinceladas rápidas variando as direções, sob a forma de pontos, linhas e manchas mal acabadas. (BOTENE, p. 30, 2009).

Claude Monet (1840-1926) foi o principal expoente do movimento impressionista e uma das figuras mais lembradas por suas representações de paisagens. Em “Impressão do nascer do sol” Monet pinta com as cores que a vê, com pinceladas rápidas e não definidas. Sua intenção era representar o nascer do sol no porto de Havre, com uma névoa sob o estaleiro.

Impressão, nascer do sol - Claude Monet



Fonte: <http://estoriasdahistoria12.blogspot.com.br/>

A construção sucessiva do gênero paisagem que vai se tornar tema central da pintura romântica, gênero em que se valoriza o estilo do artista, os sentimentos além do pensamento, o nacionalismo e também a natureza através da paisagem irá marcar o

século XIX. Este século, é influenciado por marcantes mudanças sociais, políticas e culturais, tornando a atividade artística mais complexa. E é também onde surgem tendências diferentes em oposição ao neoclassicismo como, por exemplo, o romantismo, realismo, impressionismo e pós-impressionismo.

Mas é o romantismo a mais forte tendência de oposição. Théodore Rousseau é um exemplo do romantismo na pintura de paisagens:

Théodore Rousseau; Paisagem, 1842.



Fonte: pt.wikipedia.org/wiki/Pintura_do_romantismo

A Paisagem também é protagonista do impressionismo, apesar de também ser expressa nas paisagens realistas.

Embora, o pintor inglês Jonh Constable, tenha sido um dos primeiros a considerar os efeitos das mudanças da luz e das condições atmosféricas na percepção da natureza, dando atenção ao céu e as nuvens fazendo da natureza seu tema principal, é Claude Monet (1840-1926) que deu o nome ao movimento artístico Impressionismo. Ele costumava pintar em meio à paisagem. Monet um dos maiores pintores do impressionismo expressa a paisagem através de suavidade, luz e cores, porque, segundo ele, a pintura deveria mostrar o refletir da luz num dado momento, sendo que as cores da natureza variam com a incidência da luz solar.

Às vezes o impressionismo recorre à fotografia porque capta o momento. O desenho deixa de ser a principal estrutura do quadro e sim a impressão visual que nos causa.

2.2.4 A PAISAGEM NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Salgueiro chama atenção para a desvalorização que ocorre nos dias de hoje, possivelmente devido à homogeneização cultural e a globalização, o gênero paisagem parece um pouco banal. Além disso, pode parecer desprovido de significação:

O gênero paisagem na pintura pode parecer, à maioria das pessoas, bastante banal, um gênero tradicional e sem qualquer surpresa ao espectador dos dias de hoje, acostumados a imagem *high tech* da realidade virtual do computador com seus ângulos inusitados e surpreendentes. É possível mesmo que para boa parte das pessoas de nosso tempo atual de globalização e homogeneização cultural paisagens não passem de motivos sentimentais desprovidos de qualquer significação, e menos ainda de sentido profundo e polêmico. (SALGUEIRO, s/d, p. 100).

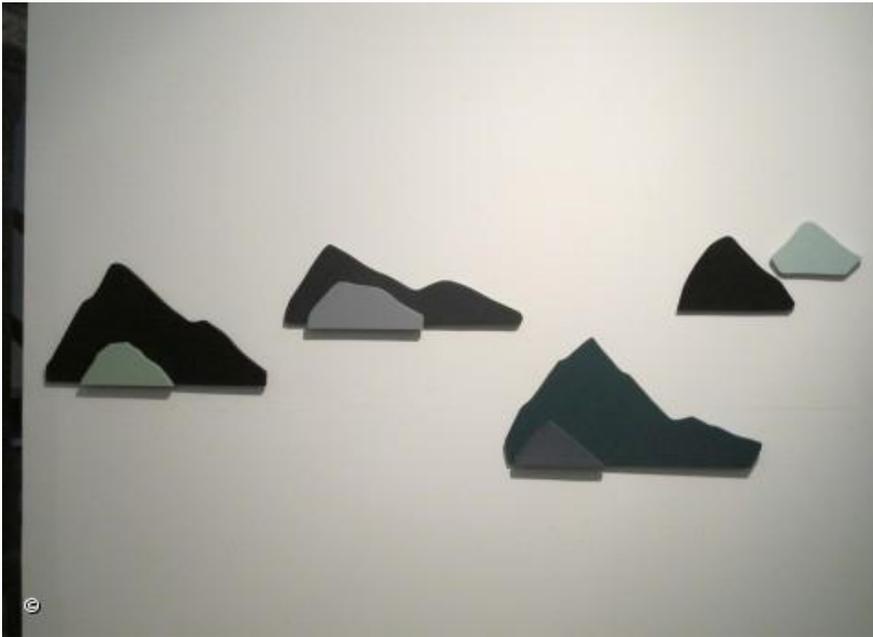
Portanto, uma nova significação para a relação da arte e paisagem parece despontar em meados da segunda metade século XX, onde a maneira de produzir arte começa a mudar influenciada pelo contexto atual. Os artistas passaram a negar a institucionalização da arte. Sendo de um lado uma maior interação entre o espectador e a obra de arte e do outro e crítica a sociedade capitalista.

“Aos poucos, o conceito de natureza passa a relacionar-se à noção de origem. A urbanização, o esvaziamento progressivo do campo e a tecnologia fazem do entendimento da natureza um bem que precisa ser preservado e resgatado.” (MOARAES, p. 31, 2014).

Dessa atual relação da arte com a paisagem podemos mencionar a artista Rita Carreiro, uma das artistas contemporâneas que tem se dedicado à pintura de paisagem e que expressa bem essa influencia do momento atual.

Rita vem desenvolvendo um projeto onde interroga a relação entre o perceber a natureza e a sua representação na atualidade. A paisagem é estilizada onde ela transporta para o seu trabalho a experiência do lugar a partir de sua memória de natureza, ou seja, numa visão idealizada da natureza através da memória:

Paisagem de interior (2010); acrílico



Fonte: http://www.ritacarreiro.com/RC_HTML/2010-2008.html

À partir dos anos 60 muitos artistas começaram a questionar as instituições culturais estabelecidas e a obra de arte como objeto de culto e consumo e passaram a produzir experiências mais ligadas ao processo do que ao produto artístico. Surgem então as performances, a arte conceitual, e formas mais efêmeras de arte. Entre muitas outras manifestações, surge a Landart, onde artistas viajam a lugares remotos e intervêm diretamente na paisagem. Artistas como Richard Long, Robert Smithson e mais e Andrew Goldsworthy são alguns dos representantes dessa prática, onde a obra é depois apresentada em forma de registros em documentação, vídeo e fotografia.

Spiral Jetty- 1970 de Robert Smithson.



Fonte: :<http://www.faena.com/aleph/articles/land-art-when-nature-speaks-in-our-language-about-itself/>

Por isso, uma nova forma de expor a arte relacionada à paisagem está se constituindo que é a interferência na própria natureza. Dessa forma, questiona e critica o mundo moderno, quando obras ao ar livre rompem com a inércia e a indiferença. E tornam a arte contemporânea mais pública, embora corra o risco de banalizá-la.

2.3-GÊNERO DA PAISAGEM NA ARTE BRASILEIRA

Na arte brasileira o gênero paisagem teve uma forte influencia desde o pioneirismo de artistas holandeses, depois entre os chamados artistas viajantes e naturalistas e pelo imaginário imperial e republicano. Parte das aspirações modernistas, o gênero paisagem é recorrente em artistas como Cícero Dias, Tarsila do Amaral e Lasar Segall, entre outros. “A pintura de paisagem é determinante para um modelo de arte apreciativa desenvolvida no Brasil”. (MORAES, p.42, 2014). Tornando-se ainda, de acordo com Moraes:

Um dos signos mais fortes da invenção do Brasil pode ser percebido na pintura de paisagem, cujo registro cultural pode ser observado por meio da memória coletiva e de uma rede de códigos, uma tradição construída por um vasto conjunto de lembranças, mitos e lendas que, além de acompanhar extensos períodos da história social, também moldam instituições e valores. [...] O legado iconográfico do país possibilita constantemente novas aproximações com a história do Brasil, desde as obras dos primeiros viajantes (MORAES, P.37, 2014).

Mas, embora, aconteça um esforço para a construção de identidade nacional, no Brasil, a representação da paisagem é mais afetiva e pessoal do que nacional. Moraes reforça esse pensamento quando diz que os artistas brasileiros selecionavam imagens criadas pelos europeus com o intuito de construir uma identidade nacional:

A valorização da natureza como elemento de identidade cultural vai se aprofundando no

decorrer do século XIX por meio do grande volume de expedições científicas promovidas por estrangeiros de diversas nações que percorreram quase todo território brasileiro como nos casos do pintor Debret, Johan Morits Rugendas, Thomas Ender e Hercule Florence. A visão da América foi incorporada por meio de um processo de 13 transculturações, os artistas e intelectuais das ex-colônias selecionaram e adaptaram as imagens criadas sobre eles pelos europeus com a intenção de construir um discurso próprio de uma identidade cultural. [...] Esse momento das artes visuais é caracterizado pela composição bucólica e domesticada dessa natureza. (MORAES, p.12-13, 2014).

Tarsila do Amaral torna o movimento modernista brasileiro uma realidade, mesmo não participando da Semana da Arte Moderna de 1922. Em suas obras Tarsila e a “poética que constrói o espaço pictórico mostra que a paisagem é o lugar de moradas reais e imaginárias, é o abrigo de nossos devaneios de luta e de repouso.” (MORAES, p.10 2014). Tarsila do Amaral “buscou na modernização uma arte que apontasse para o passado como também para o futuro, alegorizando a contradição” (MORAES, p.57 2014). E em “Paisagem com touro” Moraes aponta que a mesma a expressa com o intuito de representar a:

A vegetação é representada de maneira exuberante, em verde intenso, e o elemento fundamental da tela, quase escondido, o touro branco, com chifres enormes. O verde da paisagem se sobressai em relação às outras pinturas rurais. Com as casas integradas á paisagem sem ultrapassá-la, Tarsila exalta uma natureza pitoresca e domesticada, sem interferência ou presença aparente do homem, e ao mesmo tempo, comportada. (MORAES, p.73, 2014).

A paisagem brasileira foi interpretada de diversas formas ao longo do tempo, a documentação feita por artistas europeus documentou uma natureza exótica e particular que era desconhecida até então.

2.4- O ENSINO DA ARTE NA CULTURA DIGITAL

Atualmente o ensino, deve levar em conta as novas tecnologias que estão influenciando uma nova maneira de se produzir arte e de se ensinar a arte. Somos bombardeados por uma série de informações acerca da paisagem e a difusão áudio-visual acelera esse processo.

Fotografias e imagens nos remetem a uma paisagem em que fisicamente não estamos contemplando. Mas podemos interpretá-la através de nosso olhar crítico. Tanto o artista quanto o fotógrafo imortaliza um fato, um momento e dá a sua significação que é ressignificada pelo nosso olhar. “A paisagem é desenhada, fotografada, descrita”. (SILVEIRA, EICHLER, DEL PINO, p.5,2009).

O Ensino hoje exige uma abordagem interdisciplinar, ou seja, múltiplos olhares sobre uma mesma paisagem, e “a disciplina de Artes possibilita uma série de abordagens interdisciplinares” (CHILANTE, s/p, 2015). Ainda de acordo com a mesma autora o momento atual da Revolução Tecnológica nos dá:

A Revolução Tecnológica nos coloca num mundo “sem fronteiras” e ao mesmo tempo nos dá possibilidades de entender o conhecimento de forma interdisciplinar, tomando claro o cuidado necessário para não desmerecer a essência de cada disciplina ou ciência, mas criar pontes que se permita um entendimento global e ao mesmo tempo específico de um determinado tema. (CHILANTE, s/p, 2015).

Ou mesmo o ensino multidisciplinar pode também trazer:

Também é interessante destacar que cada vez mais se faz necessário construir relações multidisciplinares entre o meio natural e o social, onde a paisagem pode assumir um papel de grande importância como recurso didático a ser utilizado, possibilitando um envolvimento com o meio que proporciona uma infinidade de experiências, levando à construção do conhecimento, consolidação de ideias e criação de atitudes de respeito com o meio natural e humano. (SILVEIRA, EICHLER, DEL PINO, p.5,2009).

Portanto, a arte na cultura digital exige novas abordagens, novos olhares e ressignificações onde se possam buscar as memórias de paisagens do passado através de tecnologias do presente e trabalhar na sala de aula com o estudante. As tecnologias de certa forma ressignificaram o entendimento de paisagem. Hoje a facilidade com que apreciamos paisagens de diferentes lugares através dos recursos tecnológicos é enorme.

Em relação à arte e a democratização do conhecimento, com as TDIC podemos apreciar a arte mesmo dentro de um museu que tem suas portas abertas através dos recursos tecnológicos, ou seja, os museus virtuais. Através da internet podemos pesquisar a vida dos artistas e as diferentes tendências artísticas.

Há ainda a possibilidade de manipulação de imagens, ou seja, criar paisagens surreais que não existem na realidade. A popularização, por exemplo, das câmeras fotográficas, ou vídeos nos aparelhos celulares trazem possibilidades para as aulas práticas de artes jamais pensadas, se antes trabalhávamos com lápis tinta e papel, hoje temos a possibilidade de montar filmes, de criar fotonovelas, de fazer desenhos animados, dentre outros.

2.4.1- A ABORDAGEM DIDÁTICA PARA A PAISAGEM NO ENSINO BÁSICO

Atualmente na educação faz-se necessário que se valorize as aprendizagens significativas e contextualizadas. Em “concepções de paisagens e sua abordagem didática para a escola básica” os autores discutem a questão das diferentes abordagens didáticas que uma mesma paisagem pode ter:

Uma mesma paisagem pode ser analisada em função de diferentes ciências (geomorfologia, botânica, economia e sociologia, por exemplo) e mesmo em função de pontos de vista diferentes no interior de uma mesma ciência. Concordando com essa ideia, [...], embora a materialidade possa ser a mesma, são diferentes as representações da realidade e as paisagens de artistas, geógrafos, arquitetos, turistas, ecologistas, planejadores e pessoas comuns. [...] há uma descoberta da paisagem por um número cada vez maior de disciplinas. (SILVEIRA, EIDHLER, DEL PINO, p. 3,2009).

Os mesmos autores ao fazerem uma análise em relação à didática da paisagem nos dizem que a paisagem para a vertente histórica é uma noção militar, uma zona de combate, já para o geógrafo é uma invenção. Porém, a paisagem para a arte pode ser:

Mas a paisagem é, além disso, um assunto do artista, o terreno de uma confrontação dramatizada entre a experiência do real e a experiência interior ou mental, constrictas no espaço pictural, envolvendo superfície, materiais, invenção e história das formas e organização. O artista faz dessa confrontação sua atividade permanente, produzindo a cada etapa histórica novos sistemas de representação. (SILVEIRA, EICHLER, DEL PINO, p.4, 2009).

“Sabemos que a paisagem pode se revelar um importante veículo de assimilação e relacionamento de conteúdos no âmbito físico e humano, permitindo o desenvolvimento de uma conduta responsável de preservação e valorização de fatores ecológicos.” (SILVEIRA, EICHLER, DEL PINO, p.8, 2009). Em virtude das preocupações ambientais, atualmente percebe-se um interesse crescente pelo tema paisagem.

Apresentar imagens de paisagem sejam digitais, nos livros ou em fotografias, para os alunos pode ser uma ótima alternativa de ensino do gênero artístico “paisagem”. “A ideia de se trabalhar com imagens como sendo algo concreto e real, foi aceita pelos professores como sendo uma excelente alternativa na busca de um melhor entendimento de conceitos abstratos.” (SILVEIRA, EICHLER, DEL PINO, p.9, 2009).

“Desde que surgiu nas escolas, o ensino de arte vem sofrendo diversas mudanças, inclusive metodológicas, para contemplar a função da arte para o desenvolvimento humano” (PINOTI, p. 1,2012). Visto que, hoje o ensino deve estar centrado no aluno.

No entanto, podemos considerar desafiadora a abordagem no sentido de que:

Qualquer abordagem que se lance sobre as paisagens, suas leituras, interpretação representa desafio de grande monta. Os pressupostos teóricos e metodológicos trafegam por um sem número de campos científicos, educacionais, neuropsicológicos e tantos outros. No entanto, o enfrentamento é primordial para a eclosão de novas referências metodológicas para a elucidação das posturas que

possam redescobrir olhares sobre a paisagem.
(OLIVEIRA, p.1, s/d.).

2.4.2- UM NOVO OLHAR PARA A MEMÓRIA DA PAISAGEM

Nós professores acreditamos que devemos estar em constante aprendizado/aperfeiçoamento, jamais prontos para ensinar. Temos tanto que gostar de aprender, para transmitir este prazer aos nossos alunos, como também devemos estar atentos aos avanços da educação e novas metodologias de ensino da atualidade. Destacando os meios tecnológicos que estão presentes ao nosso redor, os quais vieram para nos auxiliar e na grande maioria das vezes não sabemos como usufruir de seus benefícios, devido à falta de informação e manuseio. Consecutivamente em muitas situações nossos alunos não fazem uso adequado por falta de orientação.

Fazer parte desse curso me encheu de expectativas, no princípio pensei que iria aprender como utilizar as tecnologias em nosso cotidiano escolar, mais precisamente dentro da sala de aula, que é onde toda a mágica acontece, desde as realizações até mesmo as nossas frustrações. Estamos em uma constante luta diária, em oferecer o melhor possível aos nossos alunos, bem como esperamos um retorno deles, no entanto, muitas vezes nos deparamos com alunos desmotivados e com baixa autoestima.

Observa-se que esses mesmos alunos refletem na escola o contexto familiar ao qual estão inseridos e principalmente a ausência de seus pais ou responsáveis no que diz respeito ao desempenho escolar de seus filhos. Para nós professores fica o questionamento se há algo mais importante do que a educação? Se não é o maior legado que possa ser deixado? A partir disso, fomos à busca de respostas e encontrei uma grande quantidade de alunos que sequer vivem com seus pais biológicos, muitos deles convivem nos novos modelos de família presentes nos dias atuais, não que esses modelos de família sejam prejudiciais aos alunos, menos ainda que não haja amor entre eles - aqui não está sendo questionado o modelo de família “ideal” e sim a família que está comprometida com a criança/adolescente - porém temos alunos que são fruto/consequência de filhos não planejados, que hoje estão sob a guarda de avós, tios e outros parentes.

O município de Bocaina do Sul tem uma área territorial bem extensa, sendo predominante a área rural, onde nossos alunos são contemplados diariamente com paisagens exuberantes que acalentam corações. Os mesmos veem para a única escola do

município que oferece o ensino fundamental anos finais, dividir os saberes produzidos em suas pequenas ou grandes propriedades.

Abaixo encontra-se registros das paisagens exuberantes na área rural do município de Bocaina do Sul



Fonte: Autor



Fonte: Autor



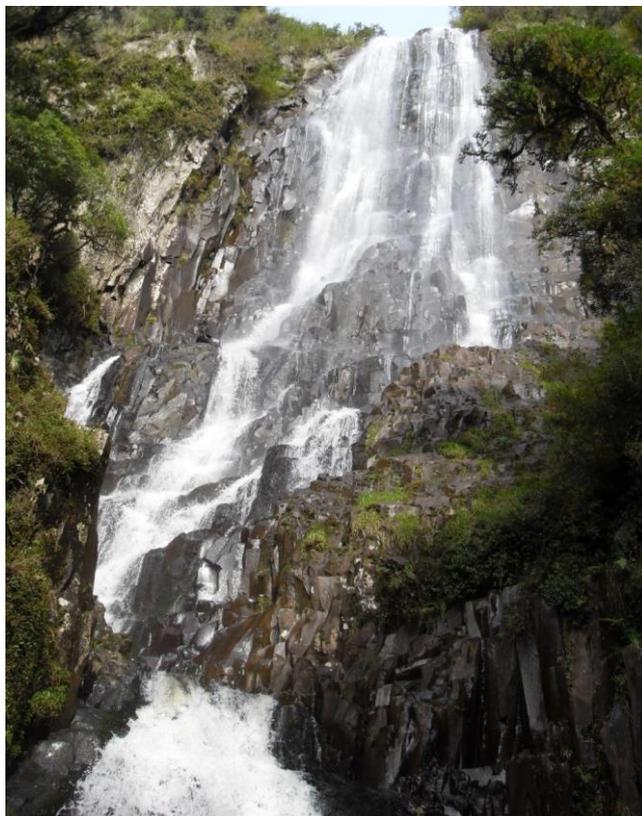
Fonte: Autor



Fonte: Autor



Fonte: Autor



Fonte: Autor



Fonte: Autor

A Escola Básica Municipal Padre Theodoro Bauschulte, atendendo cerca de 430 alunos, distribuídos em turmas de Pré-escolar ao 9º ano, localizada no centro da cidade. Foi construída para ser uma escola modelo, sua inauguração foi no ano de 2008 com aparelhos televisores com entrada USB e SD, também DVDs em todas as salas de aula, laboratório de ciências, piscina térmica, anfiteatro com equipamentos de som, ginásio de esportes com placar eletrônico, dois laboratórios de informática, entre outros. Com o passar do tempo e a falta de manutenção hoje bastante já se perdeu.

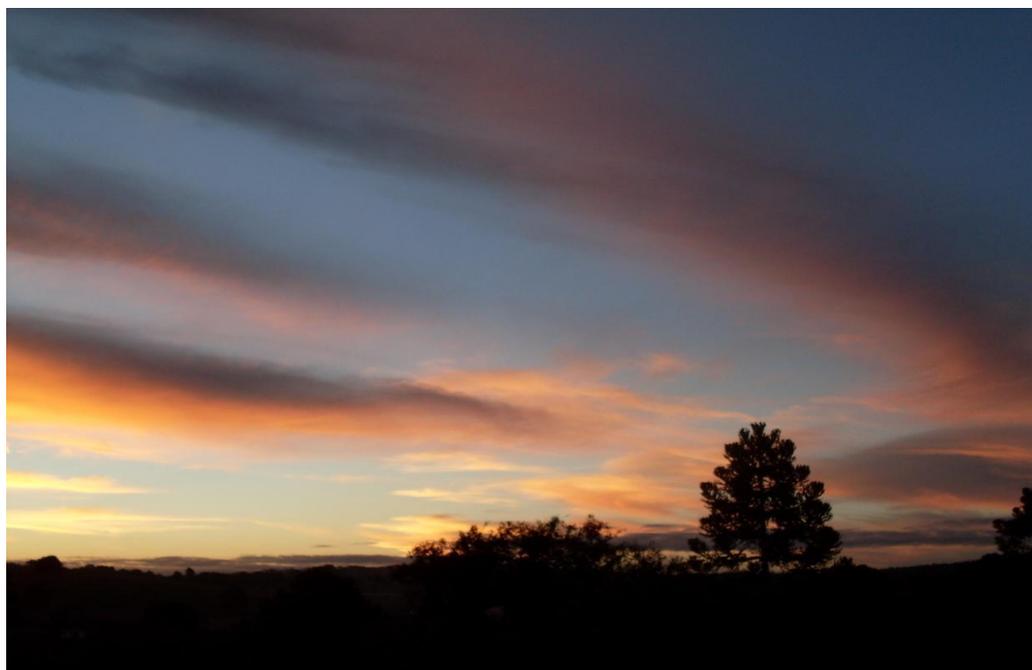
Os professores que lecionam na escola, a maioria reside no município e contamos também com a colaboração de colegas que se deslocam de municípios vizinhos.

Escola Básica Municipal Padre Theodoro Bauschulte



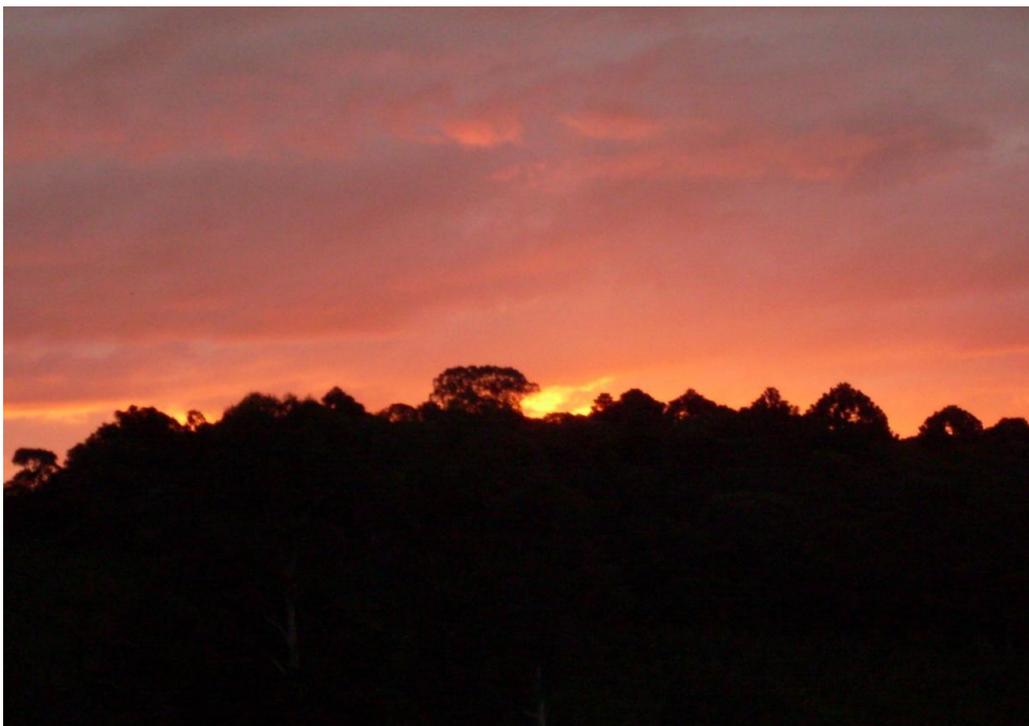
Fonte: Autor

Paisagem na área urbana do município de Bocaina do Sul.



Fonte: Autor

Paisagem na área urbana do município de Bocaina do Sul.



Fonte: Autor

Alguns dos alunos residem no centro da cidade e se deparam mais com paisagens urbanas. Embora a cidade seja pequena, ela está em desenvolvimento e a sua paisagem já sofre com a interferência do homem que a modifica, no entanto, oferece esse desenvolvimento outros saberes como o acesso a internet, por exemplo.

Buscando conhecer um pouco mais da particularidade de cada aluno e compreender um pouquinho dos sentimentos dos mesmos, num primeiro momento propus a eles uma conversa sobre as lembranças de infância e o quanto são importantes para cada um de nós, que relembassem momentos agradáveis com sua família, também contamos com o auxílio da psicóloga da escola Grazielle Hemkemaier, foi uma conversa muito agradável e aos pouquinhos os alunos foram se desinibindo e relatando fatos bem íntimos, no final da aula levaram a tarefa de perguntar em casa alguns momentos, lembrança ou lugar da infância que foram importantes, para socializar na aula seguinte.

Com o simples objetivo de aproximá-los da sua própria família. Aproveitei para me aproximar deles também, contando sobre como foi a minha infância. Solicitei que eles registrassem esses lugares através de fotografias, utilizando os seus aparelhos celulares, sendo que todos faziam uso de aparelhos celulares, alguns até bem sofisticados, me pareceu que esta atividade seria de fácil realização.

Na aula seguinte, fomos socializar as memórias que haviam trazido, esse momento foi bem frustrante, pois vários alunos não quiseram participar, como também houve alunos que realmente se dedicaram, cumprindo com muito entusiasmo, além de outros que não conseguiram fotografar porque não tinham aparelho celular.

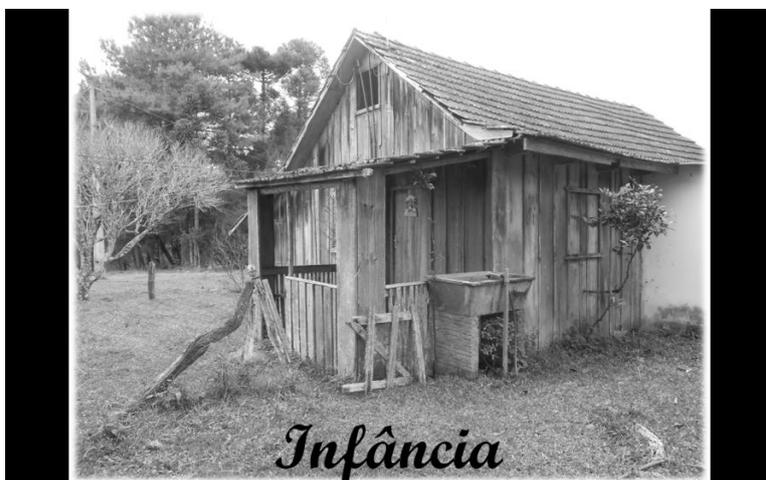
Nesse momento fiquei alerta ao fato de que nem todos têm acesso fácil às TDIC. Da mesma forma, no decorrer deste curso a maior dificuldade que encontrei para acompanhá-lo, foi conseguir acessar as atividades e o material do curso, devido à falta do sinal de internet, mesmo assim não percebi que existe uma visão geral de que todas as pessoas têm fácil acesso às TDIC e permanecem conectadas à internet livremente, porém esta ainda não é a realidade de pequenos municípios.

Em Bocaina do Sul/SC, onde resido e trabalho, um município pequeno com aproximadamente 3.500 habitantes, na sede do município o sinal de internet oscila muito chegando a ficar ausente por mais de uma semana e no interior o sinal é totalmente ausente.

Quando percebi essa situação, sugeri outra opção, que os alunos trouxessem fotografias impressas de lugares marcantes na sua infância para serem digitalizadas e assim podermos seguir com o projeto.

Iniciamos o trabalho com os alunos que haviam trazido a tarefa, nesse momento a proposta era construir um texto poético para cada memória, expliquei aos alunos o que esperava deles na produção desse texto, que não precisaria conter a estrutura de uma poesia, pois poderiam usar frases bem carinhosas para cada lembrança escolhida. Mostrei a eles um exemplo das minhas memórias de infância, em uma apresentação montada com fotos e texto, a qual seria o objetivo final da produção dos alunos. Os demais alunos que não haviam trazido a tarefa tiveram mais uma semana para fazer.

Apresentação em Power Point: Memórias da infância





*Tínhamos pouco,
porém nunca nos faltou nada.*



A brincadeira tinha cheiro de rosas.



A convivência tinha sabor de algodão doce.



Fonte: Autor

Trabalhamos durante quatro aulas na produção do texto poético mas infelizmente alguns alunos não quiseram participar da atividade, penso que alguns por desinteresse, outros por acreditar que seria uma invasão à sua privacidade e outros ainda por timidez de se expor.

Após o texto estar pronto, hora de iniciarmos as digitalizações e montagens, logo nos deparamos com mais uma dificuldade, a de encontrar computadores para que todos pudessem utilizar, sendo assim nos auxiliamos até que todos conseguissem terminar. Poucos alunos conseguiram chegar até o final, no entanto, para aqueles que conseguiram o resultado foi gratificante, eles realmente se envolveram com o trabalho, gostaram da atividade e como *feedback*, ao final socializamos as produções criadas por eles, fomos todos ao anfiteatro da escola assistir os trabalhos.

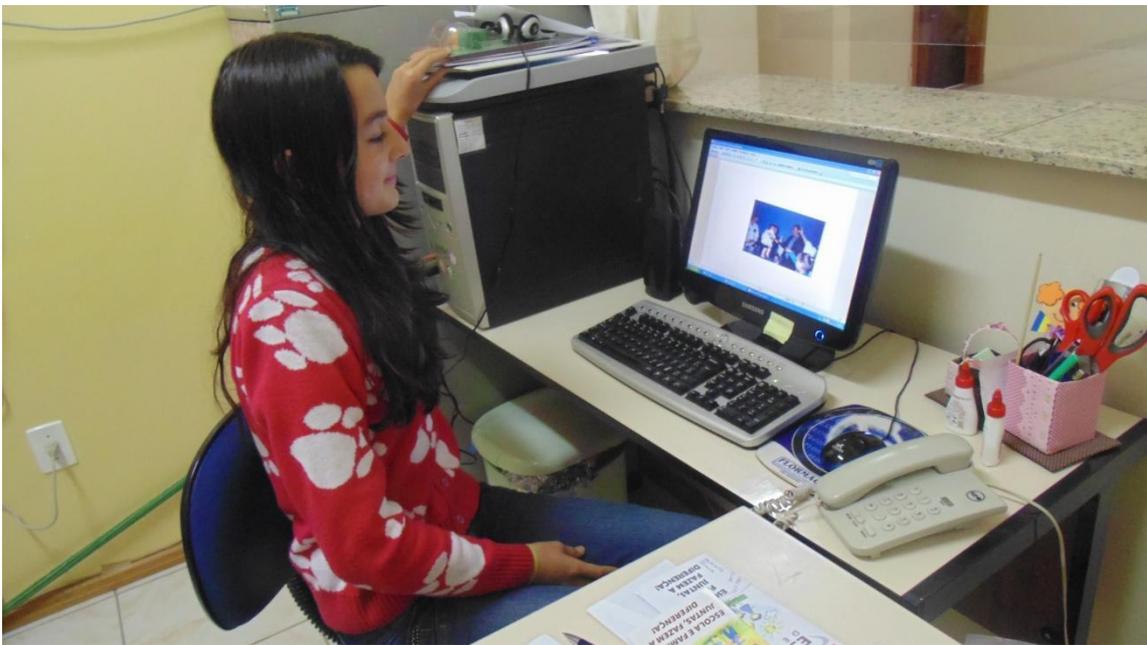
Desenvolvimento do projeto



Fonte: Autor



Fonte: Autor



Fonte: Autor



Fonte: Autor

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A noção de Paisagem vai além da ordem de expressividade, não sendo apenas objeto de contemplação. É um artifício humano para interagir com a cultura humana e merece uma atenção especial. Pensar a paisagem para além de seu conceito de arte pode parecer demasiado complexo, porém, nos abre a possibilidade de pensar como experiência, sentimento e sensações.

O conceito de paisagem na arte se constituiu ao longo do tempo influenciada pelas diferentes visões de mundo. Essa influencia continua até os dias atuais.

A paisagem hoje se transformou com muita rapidez requerendo novas formas de abordagens e cuidado. O olhar faz a paisagem, ou seja, depende do olhar do observador com o objetivo de atingir uma apropriação crítica da arte.

Enfim, a paisagem e a arte continuam se reinventando buscando novas interpretações e novos olhares na atualidade. Estando mais ativa do que nunca na imaginação do artista.

De seu percurso como gênero das primeiras interpretações, ao segundo plano na Idade Média, para o ápice da valorização na modernidade ao perigo da banalidade dos dias atuais. A arte e o Gênero Paisagem continuam nas múltiplas produções artísticas e nas várias interpretações do público.

Enfim, a paisagem é significada e ressignificada, modificada pelo homem de acordo com o seu tempo. Mas deslumbrante e poética na arte ela se expressa de diversas formas e cores.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTALINI, Vladimir. Arte e Paisagem: Uma União Instável e sempre renovada, Paisagem ambiente: ensaios - n. 27 - São Paulo - P. 111 - 130 – 2010.

BOTTENE, Sandro. A paisagem na história da arte; da representação a intervenção do espaço; INIJUI, Ijui, 2009.

CHILANTE, Edna Regina Pereira. A interdisciplinaridade em Geografia: Algumas possibilidades, Centro Universitário Leonardo da Vinci- UNIASSELVI, 2015.

DÓRIA, Renato Palumbo. Sobrevivência do gênero da paisagem na arte contemporânea: um estudo de caso.

FERRAZ, Maíra Kahl. Origem e utilizações do conceito de paisagem na geografia e nas artes– Instituto de Geociências da Universidade de Campinas (IG-UNICAMP).

FREITAS, João Paulo de DÓRIA, Renato Palumbo. A presença do gênero da paisagem na arte contemporânea.

JÚNIOR, Guilherme Simões Gomes. Arte da Paisagem e Viagem Pitoresca: Romantismos entre academia e mercado, Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 27, Nº 79, RBCS, 2012.

KIYOTANI, Ilana. O conceito de paisagem no tempo. Universidade Federal de Pernambuco (ilana.kiyotani@gmail.com). Geosul, Florianópolis, v. 29, n. 57, p 27-42, 2014.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o Conceito de Paisagem, R. RA'E GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR.

MALHEIROS, Ubiraélcio da Silva. Arte contemporânea e paisagem: para além do campo ampliado; Florianópolis, 2007.

MENDES, Martinho Pestana. Diálogos entre a Arte Antiga e Arte Contemporânea no Museu de Arte Sacra do Funchal, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2013.

MORAES, Naymme Tatyane Almeida. A paisagem como um discurso em Tarsila do Amaral, a construção de um diálogo entre o espaço social e pictórico na década de vinte

do século XX no Brasil: do Pau Brasil a Antropofagia, Universidade Federal do Paraná; Curitiba, 2014.

NEVES, José Paulo das. Paisagem e Denúncia: a paisagem contemporânea além da contemplação estética da natureza, Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte, 2008.

PINOTTI, Melissa de Almeida Santos. O Ensino de Arte: breve histórico; 7º Seminário de Pesquisa em Artes da Faculdade de Artes do Paraná Faculdade de Artes do Paraná; Curitiba, 2012.

SALGUEIRO, Valeria. A paisagem na arte: elementos para uma história e questões para pesquisas futuras, s/d.

SILVEIRA, Fabiana Santos, EICHLER, Marcelo Leandro, DEL PINO, José Cláudio. Concepções de paisagens e sua abordagem didática para a Escola básica, Encontro Nacional de pesquisa em educação e ciências; Florianópolis, 2009.

SILVA, Nara Amélia Melo da. Dürer e duas imagens da influência: o processo criativo sob a influência da tradição. - UFRGS 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos”, Belo Horizonte – MG, 2014.

OLIVEIRA, Marco Aurélio Alves de .Olhares sobre a Paisagem. O suscitar da imagem.

WANNER, Maria Celeste de Almeida. Paisagens Sígnicas: uma reflexão sobre as artes visuais contemporâneas [online]. Salvador: EUFBA, 302 p., 2010 Em: [http: www.books. Scielo. Org.](http://www.books.Scielo.Org)